

A BATALHA



A atitude do operariado

A grande manifestação do povo de Lisboa revestiu uma alta importância e obteve o concurso unânime das massas trabalhadoras, porque o espírito desse movimento de protesto se confundiu com o próprio objectivo da organização sindicalista. Um motivo de interesse geral reuniu o povo trabalhador, por diversas que fossem as suas tendências idealógicas, e levou-o a fazer uma imponente demonstração de solidariedade, que por si só é uma demonstração de força. Ora, é precisamente esse o espírito sindicalista: a união de todos os trabalhadores lutando contra o capitalismo e contra o Estado, para a sua libertação integral.

O que se pretendeu com a manifestação de ontem foi protestar contra o facto de se terem conluído os políticos para cobrirem as fôrças-vivas, a alta finança, todos os exploradores do povo. A crise ministerial foi a mais clara demonstração da imoralidade política, da transiência dum grande parte dos políticos republicanos com as oligarquias exploradoras; esse facto provocou, portanto, uma natural reacção da parte dos exploradores. Daí o seu protesto.

O que se impõe agora é que as classes trabalhadoras persistam na mesma união, que não abandonem o campo da luta e continuem vigiando na defesa dos seus direitos. O incidente político atraiu, naturalmente, pelas circunstâncias excepcionais que o restringiu, a atenção da população. Durante um momento todos nós sentimos que era contra a reacção dos políticos con-

servadores que devia concentrar-se a nossa facção, os nossos protestos, a nossa luta. Porém, não é esse o facto que mais nos interessa. Se somos forçados a bater-nos neste terreno, é porque nos bastidores da política se procurou organizar uma intriga reaccionária para inutilizar as nossas reivindicações económicas. Mas são estas, tenhamo-lo sempre presente, o nosso principal objectivo.

Não podemos pôr de parte o combate contra a carestia da vida, contra a exploração que o comércio continua a exercer, feinando em não baixar os preços, contra os patrões que, artificialmente, estão criando uma crise de trabalho que se não justifica, e devemos continuar reclamando dos governos aquela atitude de neutralidade que nos permita a liberdade da nossa acção e o triunfo das nossas reclamações.

A cumplicidade do regime com o capitalismo tem impedido o progresso social. Para que ele se realize é preciso combater essa cumplicidade. Para isso se deverá manter a atmosfera que se criou, de perfeita hostilidade à reacção política conservadora.

Mas não esqueçamos que só secundariamente, e por a nossa acção ter sido perturbada pelos políticos, é que a nossa atenção foi atraída para a comédia parlamentar e que o nosso intuito é, sobretudo, o de manter e intensificar a luta económica, que é o que principalmente nos preocupa. E para isso é que a união do povo trabalhador é necessária e útil.

OS INTELECTUAIS E AS OLIGARQUIAS

O sindicalismo não amedronta o velho homem de letras
dr. Coelho de Carvalho

A acção das fôrças-vivas, o despotismo sem máscara das oligarquias, esta espalhando em todo o país, a revolta e o suborno. Já não há indiferentes.

Não pôde haver consciências vencidas pela apatia. Todo o país está alvorado. Num lado, aqueles a quem o suborno fez sobressaltar a consciência na hora dos remorsos inevitáveis. Do outro, aqueles que não podem calar a sua revolta, não obstante os seus hábitos de ponderação. Essa revolta transformada em comentários de indignação, em gritos de protesto, ou em gestos imprecisos mas bruscos, de quem prefece sacudir uma atmosfera que asfixia. E o caso. A atmosfera asfixia. Já não é só o pão, já não são apenas as dificuldades materiais, a tirania económica, esmagando a vida. E o despotismo, é a tirania a mais cruel sobre as consciências, irmanando na mesma dor, os trabalhadores do braço, e os trabalhadores intelectuais.

Aqui está por exemplo, o dr. Coelho de Carvalho, figura que não podemos chamar veneranda, para não magoar a juventude do seu espírito. A sua cultura, as suas barbas brancas, a profundidade e a graça como penetra o estudo de prétoras civilizações, revelando um contacto permanente com o passado, impõem-no como uma figura de alto prestígio intelectual, inacessível ao crepar dos entusiasmos ardentes dos ideais revolucionários.

Pois não estranha nada que ignorem as suas próprias declarações e que se atribua à nossa conversação, um propósito de revolucionarismo perigoso...

Reafado. — O que é preciso é encarar os factos com muita humanidade. Vivemos uma época extraordinária época de tirura. Todos os que pensam e não vivem da exploração do seu semelhante, devem por tódas as formas atenuar a crueza da existência dos que trabalham, porque ésses é que têm direito a uma vida melhor.

— Os outros?... — Os outros, nem é preciso falar deles... Vou levantar-me porque tenho o tempo todo tomado com um livro, um poema, em que mais claramente expõe estas ideias.

CONTRA O IMPERIALISMO BRITÂNICO

O movimento revolucionário nas Índias

Por todos os lados os povos lutam pela sua autonomia.

Em tódas as colónias do império britânico, uma propaganda incessante está produzindo os seus frutos.

Nas Índias, a polícia fez, recentemente, uma busca nos escritórios dum organismo revolucionário de Caronpore (Índias inglesas), e apreendeu um grande número de exemplares do jornal "The Revolutionary", que é proibido pelo governo. O jornal tem sido espalhado por tódas a província.

— O preciso dizer-lhe que eu não estava indignado... Eu nunca me indigno. A indignação é muito feia, não lhe parece? Tam pouco me queixava, porque isso depreme... Percebe?... — Revoltava-se?

— Isso para os novos. Na minha idade, passados os primeiros impetus de negação, a fúria iconoclastica, só é justa e bela, construir. Cada um tem o seu papel, o seu modo de agir.

O que é a União dos Interesses Económicos?

E a união do banditismo que querer ser governo para melhor assegurar o seu predomínio imoral

O que é a União dos Interesses Económicos?

E a união de todos os exploradores que durante a guerra, enquanto o exército morria na Flandres, lhe enviavam "patrioticamente" as conservas pôdras em que negociavam!

O que é a União dos Interesses Económicos?

E a união dos negociantes e industriais sem escrúpulos que, durante a mesma guerra, enquanto enviavam aos soldados sacrificados as sardinhas ardidas lhes, envenenavam as famílias com o pão-lízio que tivemos de comer e de pagar bem caro.

O que é a União dos Interesses Económicos?

E a união dos mesmos negociantes, que depois da paz continuaram a envenenar-nos com os produtos caros e adulterados, que tanto contribuíram para o definhamento da raça.

E a união de todos os industriais que, corrompendo os políticos que depois acusam de ladrões e perdidários, vivem de indústrias mal dirigidas e orientadas que vegetam à sombra das pautas alfandegárias.

E a união dos "honrados" comerciantes que viciam as escritas para não pagar os impostos.

E a união dos "grandes" lavradores que mantêm em todo o país léguas e léguas de terrenos incultos.

E a união dos financeiros que têm a sólido políticos sem escrúpulos.

O que é, afinal, a União dos Interesses Económicos?

E a união do banditismo que pretende ser governo para melhor assegurar o seu poderio!

O DR. BRITO CAMACHO POLÍTICO

O dr. sr. Brito Camacho que é, há bastante tempo, no parlamento uma voz voluntariamente emudecida, desforna-se do seu silêncio numa entrevista no "Diário de Notícias", onde papagueia debilmente alguns lugares comuns que, se fossem pronunciados por outro, mereceriam da sua parte os seus habituals e felizes sarcasmos. Para ser trivializado aquele ponto teria sido preferível: conservar-se, acérrima de política, tão silencioso para os jornais como o tem sido para o parlamento.

A sua visão política que foi sempre erradíssima e infelizíssima, atravessa uma crise que — tudo o leva a crer — será definitiva. Sem prosseguir comentando, transcrevemos, para melhor se aquilatar da justez das nossas afirmações, as poucas frases por elas consagradas ao actual momento político:

— Achéi conveniente a queda do governo e tanto assim que dei o meu voto a moção que o derribou. Uma experiência de bolchevistas feita por bolchevistas, seria uma coisa interessante; feita por interpostas pessoas, burgueses republicanos, era uma coisa desestrelada.

E triste, muito triste mesmo, ao termos de criticar estas afirmações, confessar que elas partiam dumha pessoa de talento

Porque lentes absurdas viu o sr. Brito Camacho o governo do dr. José Domingos dos Santos a ponto de o considerar de mesmo modo do que esse jornal de rapiadores comerciantes que é actualmente O Século?

Bolchevista o governo do sr. José Domingos! Isto só por blague!

Quanto ao segundo ponto — considerar oportuna a queda do governo — o sr. Brito Camacho é ainda mais infeliz. Como pôde, no próprio dia em que se realizou a mais formidável das manifestações populares, considerar oportuna a queda dum governo? Nem sequer teve olhos para ver, ouvidos para escutar, cérebro para raciocinar diante do protesto de 80.000 pessoas?

O sr. Camacho que politicamente foi sempre incapazíssimo, está agora de todo embotado. Sem azedume, sem ironia, amigavelmente até, daqui lhe aconselhamos a deixar a política para deixar de oferecer a todos o triste espetáculo dum deplorável inaptidão. Refugie-se no jornalismo e na literatura donde nunca devia ter saído, porque é um cronista admirável e scintilante e um escritor com magníficas qualidades de descriptivo e evocação.

A imprensa burguesa

E é muito curioso a maneira como são redigidos os jornais conservadores e reaccionários. Partidários da ordem, da disciplina, da moderação de costumes, da tranquilidade nas ruas e nos espíritos, elas são redigidos de maneira a provocar a agitação nos espíritos e nas ruas, a degradar os costumes, a preparar a indisciplina e a atear a desordem.

A maneira como apontam o Chefe do Estado, como lhe dirigem velados, mas graves insultos, desmente todas as suas afirmações hipócritas de respeito pela hierarquia social que pretendem que o povo respeite. Nós que não consideramos o dr. Teixeira Gomes intangível, e que desejamos uma sociedade sem reis nem presidentes, não usamos, entretanto, ao referirmos-nos ao Chefe do Estado, essa linguagem viscosa e baixa, própria de quem não possui a menor educação. O dr. Teixeira Gomes merece-nos o mesmo respeito que nos merece qualquer trabalhador. E como tratamos os simples trabalhadores com o respeito que todos nós nos devemos, indistintamente, não damos ao presidente da república tratamento inferior ao que dispensamos a toda a gente. Não o tratamos por Sua Excelência, porque a ninguém damos esse tratamento, mas imprimimos à nossa linguagem o cunho de respeito social, que ele também nos deve, como homem, como componente da colectividade em que vivemos.

Mas essa linguagem reles manifesta-se ainda a propósito de outros assuntos. Há dias em certa gazeta classificava-se de "malta" o povo explorado. Nós, como não podemos ser por eles apodados de ladrões, somos mimados com os termos de agitadores, desordeiros e bolchevistas.

Agitadores? Mas o que são os Pereira da Rosa, os Roque da Fonseca e outros que, servindo-se dumha linguagem porca e insultuosa, que não nunca desceram a usar, atacam os homens públicos e as instituições? Junto deles não chegamos a ser sequer a sombra dum agitador. Mas tomemos para nesse termo. Sim, somos agitadores, agitadores de ideias generosas, de ideias que não nos aprovam pessoalmente, de ideias-benefícios para a colectividade.

E eles? Que espécie de doutrinas agitam? Eles? A teoria do predomínio do forte só-

CONTRA O IMPERIALISMO FRANCÊS

Os operários agrícolas da Tunísia revoltam-se

A revolta toma extensão na Tunísia.

Os operários dumha fábrica de Hammamet, na sua maior parte indígenas, puseram-se em greve, e conseguiram arrastar no seu movimento reivindicadores os operários agrícolas do domínio de Potinville.

Os grevistas estavam dispostos a lutar até à vitória, mas o patronato recrutou pessoal europeu, que não teve escrúpulo algum em desempenhar o odioso papel de fureadores de greves.

A pesar disso, os indígenas não esmoreceram, recorrendo à acção directa, e fizeram sentir aos renegados o prego da sua traição.

Houve um conflito, tendo sido efectuadas várias prisões.

O delegado da organização dos indígenas, Mohamed ben Ali, não hesitou em dizer aos trabalhadores agrícolas de Potinville, que a terra sobre a qual eles se esfalfam a trabalhar lhes pertence, e que os seus donos não são mais do que vis exploradores.

Isto não agradou ao sr. Herriot, que, patriota e imperialista como todos os chefes de estado, se prepara para proceder contra os proletários conscientes da Tunísia da mesma maneira que o governo reaccionário da Inglaterra o faz contra os operários do Egito e das Índias.

Políticos que sobrevivem?

Há certos políticos, de tal maneira viciados e gastos e desacreditados e caetiquados que já de há muito deviam ter abandonado a política e recolher, sociegadamente, a penas. A política de "raposas" fez-se para o tempo em que o povo tinha os olhos fechados. Esse tempo já passou e com ele se deviam ter ido embora os "raposas" que o simbolizaram.

Estão anacrónicos, esses políticos de unhas negras quando não de mãos sujas que hoje não causam senão exclamações de desprezo quando não sentimos de repulsa e asco.

A manifestação de ontem pela sua importância numérica exprimiu o sentir da maioria esmagadora da população e só loucos, mentecaptes, e obtusas cerebracções políticas dum tempo que não regressa mais, ouam negar o grande valor que socialmente elas revolucionaram.

Quiz o sr. António Maria da Silva virtuá-la, reduzi-la a nada com estas subtilizações tan pobrezinhas como tortas:

— Não especulem — referia-se aos democráticos esquerdistas — com a definição hipócrita da manifestação de ontem. Deve atribuir-se-lhe uma importância relativa, posto que aquela gente, formada de heterogêneos elementos políticos, não garante segurança a ninguém.

Pode mesmo avançar-se que ela deve ter sido um pretexto para autorizar ámânia que alguns dos seus elementos mais audaciosos entrem no seu gabinete de chapéu na cabeça.

O sr. António Maria da Silva pretende afogar uma realidade bem viva — uma manifestação de 80.000 pessoas — em meia dúzia de palavras! E enganar, fingir equivocar-se... E assim que certos jornais como a *Epocha* fazem reportagens. Mas o Deus deles é bom e perdoa aquele malévolos pecado de mentira, como lhes perdoa outros bem piores. Ou como fosse o Deus deles à sua imagem semelhante!

A CONFLAGRAÇÃO MUNDIAL

Os crimes dos conselhos de guerra

Em 7 de Março de 1915 o soldado Gouard, da 104.ª regimento de infantaria, foi executado em Bussy-le-Château (Marne) por abandono do posto por mutilação voluntária.

Ele tinha sido ferido dias antes no lado esquerdo, mas o médico que o examinou declarou que a sua ferida parecia suspeita.

Foram ouvidas testemunhas. Gouard foi condenado à morte, a pesar de ferido por uma bala alemã.

A Liga dos Direitos do Homem procura agora reabilitar o seu nome, mas a vida é que já ninguém lhe pode dar!

Não esqueçamos Sacco e Vanzetti

Segundo informa "Cultura Obrera", de Nova York foram ambos internados num manicómio

Segundo informa a "Cultura Obrera", de Nova York, Sacco e Vanzetti foram internados num manicómio de criminosos.

Como é sabido, estes dois camaradas foram condenados à morte por "justiça" americana pelo crime de assassinato, simples pretexto para os aniquilar, por serem eles agitadores, ateus e anarquistas.

O que lhes têm feito é mais que suficiente para enlouquecer o mais sensato e equilibrado dos homens, mas esta resolução da burguesia "Yankee" é simplesmente um espartilho, para evitar ter que declará-los inocentes, em face dos protestos do proletariado mundial.

O PERIGO JUDEU

A propósito duma entrevista que ali se tem publicado subordinada a este título, foram-nos feitos alguns reparos por indivíduos da colónia judaica, e até por camadas que, num direito legítimo, discordam do aspecto da referida entrevista em que supõem existir a reminescência duma questão de raças.

Por outro lado, como sempre sucede, outros manifestaram-se de acordo com a doutrina explanada, achando-a oportuna e acertada.

Porque a *Batalha* é um jornal de processos leais, e porque a sua orientação nunca pode ser tendente a levantar uma questão de raças, vamos transcrever alguns pontos das cartas que nos foram dirigidas, para lhe epormos os devidos comentários, que temem a esclarecer a questão. Numa dessas cartas, embora sem assinatura, escreve-se, entre diversas coisas que não interessam, o seguinte:

«O sr. Mário Sá engana-se, redondamente, acreditando haver 1300 judeus em Portugal. Primeiramente só judeus em Lisboa, e apenas uns 600, contando entre homens mulheres e crianças. Contudo, mesmo, com os russos que vieram debaixo da maior miséria. Mas, felizmente, o judeu trabalha, ele é alfaiate, é sapateiro, etc. Os tais da oligarquia hebraica não conhecem. Há um israelita que é vice-presidente da Associação Comercial, e isto somente», etc., etc.

Também, no mesmo sentido recebemos uma carta do sr. Augusto d'Esagay, de que recordamos as seguintes passagens:

«A maneira de alguns escritores franceses, filiados na *Action Française*, chefiada pelo adiposo e violento sr. Leon Daudet, o grande inimigo dos operários, que todos os dias, através dos seus diários e revistas, combatem as organizações que lutam pelo triunfo do ideal comunista, o sr. Mário Sá iniciou uma campanha humorística contra os judeus portugueses, concedendo uma entrevista à *Batalha*, que veio cheia de inexactidões e de erros que é necessário corrigir. Pouco sabe o sr. Mário Sá da história portuguesa para afirmar que os judeus não foram expulsos de Portugal, tendo sido unicamente a religião dos judeus.

«Que a expulsão dos judeus foi um facto, afirmando todos os historiadores de evangélicos e não há nenhum garoto dos liceus que não tenha feito esta descoberta no decorrer do seu 2.º ano de História! Que é impossível expulsar uma religião sem eliminar os seus adeptos, é uma verdade tam conhecida há tanto tempo, que aquisição dela se serviu, mandando quemar nas praças públicas milhares de judeus.

Numa outra entrevista que o dr. Mário Sá fez e publicou em folheto—ainda devem existir alguns exemplares nas prateleiras dos livreiros—entusiasmado com a descoberta dos judeus, descoberta que pertence ao dr. Lucio de Azevedo, fez a sua apologia dizendo positivamente o contrário do que escreveu no seu recente livro, *A invasão dos judeus*.

«O sr. Mário Sá, a quem eu dei a conhecer alguns apontamentos sobre Freud, o maior dos escritores científicos do século XX e grande propagandista das ideias operárias, director da Faculdade de Medicina de Viena e Judeu de Sinagoga, a quem os intelectuais russos convidaram a visitar as Universidades Soviéticas da Rússia, porque não compreendeu a sua obra genial—a culpa não é de Freud—afirma na entrevista que concedeu ao mais lido dos diários *A Batalha*, que a indole judaica é naturalmente oligárquica e não tem nobres concepções sociais. Vê, sr. redactor, que a culpa não é dos judeus.

«Fren, Einstein, Bergson, três nomes que formam a cunha mental do século XX. Três nomes que são neste instante o facho da humanidade culta, expoentes máximos da cultura médica, filosófica e físico-matemática, ausentes de nobres concepções sociais! Não o acredita V. Ex.º, não o acredita ninguém—só o descobriu o sr. Mário Sá, que vejo com tristeza entrevistado pela *Batalha*.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia por Trotsky e Monatte, em vista da atitude que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado pelos subordinados de Marcelo Cachin, aquelle político social-democrata, que durante a guerra esteve a lado do governo francês, e que foi à Itália em missão diplomática oficial por fazer parte da negociação «união sagrada».

«A guerra trouxe consigo um novo sindicalismo», disse Trent no Congresso do Partido Comunista

Durante o seu ataque aos erros de Trotsky, feito no Congresso do Partido Comunista Francês, Trent fez as seguintes afirmações: «Tendes reflectido sobre as diferenças existentes entre o sindicalismo de hoje e o de antes da guerra? Havia nesse momento um sindicalismo revolucionário, que era sindicalismo de seita, não atingindo as massas, e um sindicalismo de massas, que como o da Alemanha se orientava pelo seu concorso.

Verdadeiramente, o sentido dessa entrevista visava a atacar os judeus, não por serem judeus mas por serem dos mais acentuados detentores do capitalismo em todo o mundo.

E poderá alguém provar-nos, honestamente, que elementos judeus, na Inglaterra, na Holanda, na Alemanha e mesmo em Portugal, não fazem parte dominante da sociedade capitalista?

O resto, naquela parte de crítica mais incisiva sobre o judaísmo, não é matéria da responsabilidade de *A Batalha*, mas do sr. Mário Sá.

De resto, o nosso pensamento sobre a matéria estava bem marcado na seguinte passagem: como que fechava a entrevista: «Não podemos deixar de ponderar que os nossos ideais libertários nos impedem de encarar essa questão das raças, com a extreiteza com os critérios vulgares e frequentemente nacionalistas».

Isto quer dizer que não aceitamos o critério que tenda a colocar os judeus sob a perseguição da outra parte da sociedade.

Diremos, mesmo, mais: se amanhã se levantasse um movimento de acintosa perseguição a essa raça, nós seríamos o primeiro a levantar o nosso protesto.

Mas, então—dir-se-á—hei-porque se referiam especialmente aos judeus?!

Consentimos nessa entrevista, apenas pelo aspecto que ela encerrava, revelando um dos componentes das lórgas exploradoras. Por serem judeus, não. E nunca os nossos ideais concordaram essa incorrida.

Cremos que desse modo, e com a maior lealdade, fica esclarecido o nosso pensamento e encerrada a questão.

NACIONAL

Sabemos, que um numeroso grupo de juvenis e alegres coristas irão hoje à inauguração do baile de máscaras que se realiza após a récita do Díchy no Nacional, encontrarem-se com muitos artistas a quem marcaram «rendez-vous» para festejar o Deus Momo.

Leiam amanhã, segunda-feira



SUMÁRIO:

A fera à solta—A grande manifestação, por F. de Castro
O direito de matar, por J. B.
Ecos da Semana, de F. C.
Operárias, versos de Saldanha Carreira
O idealismo e a Vida, por Julião Quintino
Conselhos dum leão moribundo a seu filho mais velho, por João Pedro Andrade
O suplício dos intelectuais, por Eduard o Fries

A liberdade da Arte, por F. de C.
Os leitores de livros, por Nogueira de Brito
As mulheres e a moda (com gravuras)
O que todos devem saber...
Chico, Zecas & Cump., (com gravuras)
Gravuras: Forças vivas e forças mortas, Definição exacta, por Stuart Carvalhais

No Congresso do Partido Comunista Francês

Trotski, Monatte, Rosmer e Delagardie são impiedosamente flagelados pelos congressistas

No Congresso do Partido Comunista Francês, recentemente realizado em Paris, flagelou-se rudemente Trotsky e os seus partidários franceses pelos seus desvios contra-revolucionários.

O ex-capitão Trent, uma das figuras de maior prestígio actualmente do partido, disse que quaisquer que fossem os serviços por Trotsky prestados na época heroica da revolução, não se podia passar em silêncio os seus erros presentes, por eles constituir um perigo para o movimento operário.

«A direita Internacional», disse ele, procurou desfazer a International Comunista. Delfim o caminho do leninismo espalhou-se para o do trotskismo; amanhã ela será nitidamente contra-revolucionária e prepara a contra-revolução, como o faz Júvarine!

Eis o que acontece aos homens que duvidaram do seu partido, que renegam o leninismo.

O delegado do comité executivo, falando

sobre a crise do partido francês, disse que a região parisense era a única de todo o país que hesitava ainda, nos pedimentos primeiros de se desligarem inteiramente dos elementos expulsos do partido, em seguida estudar e aprender, com o partido francês reorganizado, o caminho do leninismo.

«Actualmente, acrescentou ele, está luta terminada. Os elementos nefastos do comunismo deixaram o partido sem remíssão, e para tais inimigos do proletariado não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no partido, mas que hesitam ainda, nos pedimentos primeiros de se desligarem inteiramente dos elementos expulsos do partido, em seguida estudar e aprender, com o partido francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia por Trotsky e Monatte, em vista da atitude que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado pelos subordinados de Marcelo Cachin, aquelle político social-democrata, que durante a guerra esteve a lado do governo francês, e que foi à Itália em missão diplomática oficial por fazer parte da negociação «união sagrada».

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no partido, mas que hesitam ainda, nos pedimentos primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do partido, em seguida estudar e aprender, com o partido francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude

que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no parti-

do, mas que hesitam ainda, nos pedimentos

primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do parti-

do, em seguida estudar e aprender, com o parti-

do francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude

que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no parti-

do, mas que hesitam ainda, nos pedimentos

primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do parti-

do, em seguida estudar e aprender, com o parti-

do francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude

que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no parti-

do, mas que hesitam ainda, nos pedimentos

primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do parti-

do, em seguida estudar e aprender, com o parti-

do francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude

que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no parti-

do, mas que hesitam ainda, nos pedimentos

primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do parti-

do, em seguida estudar e aprender, com o parti-

do francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude

que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no parti-

do, mas que hesitam ainda, nos pedimentos

primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do parti-

do, em seguida estudar e aprender, com o parti-

do francês reorganizado, o caminho do leninismo.»

* * *

Embora não sintamos qualquer simpatia

por Trotsky e Monatte, em vista da atitude

que os mesmos tomaram, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos, nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos aplaudir de inimigos do proletariado

não pode haver qualquer perdão.

«Quanto aos camaradas que ficam no parti-

do, mas que hesitam ainda, nos pedimentos

primeiros de se desligarem inteiramente

dos elementos expulsos do parti-

do, em seguida estudar e aprender, com o parti-

</div

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,34
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,41
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	—
S.	2	9	16	23	Q. G. dia 8 às 9,10
T.	3	10	17	24	L. N. dia 23 às 10,11

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,02 e às 7,27
Baixamar às 0,11 e às 0,32

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, os dias de vista	8,800	8,800
Londres cheques	59,50	59,50
Paris	12,10	12,10
Síria	32,00	42,00
Bélgica	12,04	12,05
Itália	8,85	8,86
Holanda	8,83	8,88
Madrid	20,84	20,84
New-York	20,84	20,84
Grécia	3,54	3,54
Noruega	3,19	3,19
Suecia	5,65	5,65
Dinamarca	3,65	3,65
Praga	2,61	2,61
Buenos Aires	8,80	8,80
Viena (socorros)	4,80	4,80
Roma (socorros)	5,50	5,50
Agio do ouro %	22,30	22,30
Liras ouro	112,50	112,50

ESPECTÁCULOS

TEATROS
— São Bento — A's 21 — La Argentinita
A's 15 — Concerto.
— Nacional — A's 20, 20 — Dickey
— Pelícano — A's 21 — Muller Nas.
A's 15 — Concerto.
— Trindade — A's 21, 15 — La Bayadera.
Apollo — A's 21, 15 — Mola Real.
— Benfica — A's 21, 15 — Suas.
— São Bento — A's 21, 20 — Fruto Proibido.
Matines às 15.

Juvenil — A's 21, 20 — Juventina.
Mário Vitoria — A's 20, 21, 22, 23 — Re-Vés.
Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de circo.
A's 15 — Matines.
Salão São — A's 20, 21, 20 — Variades.
C. I. Vicente (à Graça) — A's 21 — O Cabo Simões.
Erenice Parque — Tódas as noites — Concertos e diversões.

CINEMAS
— Olímpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema
— Sábio Ideal — Salão — Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine — Páris — Cine — Esmeralda — Chanteler — Tivoli — Tortoise.

MALAS POSTAIS
— Pelo paquete Portugal, são hoje expedidas malas postais para a Ilha da Madeira e África Ocidental.
Da Caixa Geral as últimas tiragens de correspondências registradas efectuam-se às 11h30 das ordinárias às 13 horas.

LIMAS
— As melhores são usadas na Última, Fábrica Vieira de Leiria — Pede em tódas as lojas de ferragens. Em preços e témpera revolizam com as melhores marcas inglesas.

MARCAS REGISTADAS
— Pedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa sra. Ferreira & C. — Lda — Calçada do Marquês de Abrantes, 138 — Telef. C. 1322

Anilinas Jacobus
A melhor maneira de resistir à alta de preços dos artigos de vestuário, é tingir os fatos e os vestidos com as célebres anilinas JACOBUS, únicas que se podem aplicar com justificada confiança. Todos as preferem por serem as melhores do mundo. Com uma despesa insignificante fica-se com um traje novo, sem ser necessário pagar ao tintureiro preços exorbitantes.

A venda em todas as boas drogarias do continente e ilhas.

DEPOSITO GERAL só por atacado: Sociedade Produtos Químicos, Limitada, Campo das Cebolas, 43, 1.º — Lisboa.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

Policlinica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais — Operações, às 3 horas.

Dr. Mário do Nogueira, Assist. da Fac. de Med. — Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. António de Menezes, Ex-Ass. do Oscar Helene-Hein em Berlim — Ortopedia (Deformidades e paralissias em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fisioterapia (Eléctricidade, massagem, liz, etc.) 5 horas.

Dr. Bernardo Camacho, Assist. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Francisco de Andrade, Assist. da Fac. de Med. — Ex-Ass. do Prof. Strauss em Berlim — Medicina geral.

Dr. António de Menezes, Ex-Ass. do Oscar Helene-Hein em Berlim — Ortopedia (Deformidades e paralissias em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fisioterapia (Eléctricidade, massagem, liz, etc.) 5 horas.

Dr. Bernardo Camacho, Assist. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. do Prof. Idasson em Berlim — Doenças da pele e sifilis, às 2 horas.

Dr. Renato Mendes, Mestrado de Hosp. Necker em Paris — Doenças das rinas e vias urinárias, às 4 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. Mário Gomes, Ex-Ass. da Fac. de Med. — Clínica geral. Doenças do aparelho digestivo, às 3 horas.

Dr. M

A BATALHA

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Em nome da "unidade sindical" a C. G. T. Unitária deseja estabelecer a frente única com os traidores reformistas da velha C. G. T.

Aproveitando-se do iminente perigo fascista, o conselho confederal da C. G. T. Unitária tomou de novo a iniciativa de dirigir uma carta à velha C. G. T., propondo-lhe a realização em Setembro próximo dum congresso comum de unidade.

Depois de se referir ao fracasso de todas as tentativas feitas até à data neste sentido pela C. G. T. Unitária, o comité deste organismo propõe no final da sua referida carta o seguinte:

Emfim, para facilitar a solução destas questões de ordem prática, nós vos submetemos a proposta duma "Conferência mista" dos dois conselhos confederados, que será encarregada de examinar as disposições relativas à realização do congresso inter-confederal da unidade.

A conferência do movimento minoritário em Inglaterra

O movimento nacional minoritário inglês, que pretende substituir na direção do movimento trade-unionista inglês os políticos trabalhistas pelos sequelas de Moscú, realizou uma conferência "unitária" em Londres.

No dizer da *Humanité* assistiram a esta conferência 630 delegados, representando mais de 600.000 operários, dos quais muitas mulheres, tendo presidido aos trabalhos o conhecido militante, Tom Mann.

Na abertura da sessão, Tom Mann, apontando o retrato de Lénine, recordou que o maior "leader" operário do mundo tinha sido enterrado no quarto domingo de Janeiro de 1922. Imediatamente todos os delegados se levantaram e um longo silêncio se estabeleceu, enquanto os órgãos tocavam uma marcha fúnebre!

Em seguida leu ele o discurso, que devia ser pronunciado por Cook, no qual este preconizava, para se chegar à unidade do movimento operário, a organização dos operários por indústria e a ligação de todas as indústrias nacionais e internacionalmente, assim, que cada luta ofensiva e defensiva fosse travada nacional e internacionalmente.

A Conferência votou uma moção contra a militarização dos operários dos caminhos de ferro, e convidou o conselho geral das "Trade-Unions" a convocar imediatamente um congresso extraordinário, para tomar posição contra a militarização dos operários.

Os fascistas embora sem resultados, tentaram impedir as reuniões dos conferencistas, fangando na sala, um dia de manhã cedo, gatos envenenados.

Isso, como sucede em França com os políticos dirigentes da C. G. T. usos, os chefes reformistas e os funcionários das "Trades-Unions" acusam agora os minoritários de quererem aniquilar o movimento sindicalista inglês.

Todavia, é preciso notar que, enquanto em França lutam os minoritários por expurgar o movimento operário o vírus terrorível de política, os minoritários ingleses querem unicamente substituir os políticos a quem os velhos dirigentes da direção dos sindicatos.

É só uma questão de cor, e não de princípios, coisa muito diferente do que pretendem os minoritários franceses.

Uma greve geral em Louz

Conforme fôra previamente combinado nos fins do mês passado, desencadeou-se uma greve geral que transformou radicalmente a situação dos operários teixentes. Se a luta destes trabalhadores tinha sido até então, um carácter pouco uniforme e eféctua aos patrões a perspectiva de que terminaria com pequenas concessões, a situação depois tornou-se gravíssima, pois com a participação de todo o proletariado de Louz, aumentou enormemente a vontade de luta das massas operárias.

Enquanto a greve apenas afectava alguns trabalhadores teixentes, os patrões recusaram a fazer qualquer negociação e não queriam aceitar muitas tentativas do governo para submeter o conflito a uma comissão arbitral. Mas desde que foi decidida a greve geral e que os operários em massa protestaram contra a miserável situação em que se debatiam os patrões apressaram-se a aceitar a formação dum comité arbitral que ficou composta de três delegados operários e de três representantes dos patrões.

Depois dum longo debate, os operários conseguiram a seguinte vitória:

1.º Todas as categorias de trabalhadores obtêm um aumento de salários de 10%. 2.º Este aumento começará a ser pago no mês seguinte à da greve.

3.º A decisão arbitral é obrigatória até 31 de março de 1925 e permanecerá em vigor até ser denunciado por uma das partes.

Preparando a luta nas minas alemãs

Já é sabido que o último movimento de salários em todos os distritos mineiros da Alemanha foi resolvido por uma série de decisões arbitrais.

A última arbitrariedade para o território do Ruhr foi declarada obrigatória contra a vontade de ambas as partes. Concedeu-se aos mineiros um simples aumento de salários de 4 a 8%, o que, praticamente, queria dizer a continuação do regime de fome. Por outro lado, os empresários declararam que não podiam pagar estes aumentos de salários e recomeçaram mais encarniçadamente a luta, sabendo a produção com novos encerramentos de fábricas.

Nas minas de Linhite, na Alemanha, a situação agravou-se nestes últimos dias. Os mineiros pedem o restabelecimento da dia de 8 horas de trabalho em vez de 10 ou 12 que fazem actualmente.

O sindicato convocaram para muito breve uma conferência dos mineiros da Alemanha Central.

CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

"Não consentiremos—brada o país inteiro à União dos Interesses Económicos—que continueis tripudiando sobre o nosso sofrimento e a nossa miséria!"

Os ferroviários do Minho e Douro participaram ostensivamente em todos os movimentos contra a U. I. E.

PORTO, 12.—Presidida pelo camarada Mateus Ramos Vieira, que teve a secretaria Porfírio Miguel e Manuel Gonçalves Alegria—efectuou-se uma importante assembleia magna dos ferroviários do Minho e Douro, a convite da direcção da União Ferroviária.

Esta reunião, de características acentuadamente morais, foi exclusivamente para resolver qual a direcção a seguir em face do golpe que as "forças vivas" pretendem vibrar nas fronteiras já conquistadas a poder de tantos sacrifícios.

Depois de explicados estes fins pelo secretário geral da U. P. V., João José dos Soutos, e do presidente da assembleia comunicar que assiste um delegado da União dos Sindicatos Operários, Saúl de Sousa—este prende por algum tempo a assistência, referindo-se largamente aos intuios reacionários dos magnates da alta finança; os nefastos conjurados da União dos Interesses Económicos esforçam-se por impôr ao país uma odiosa ditadura com a qual somam, em maior escala e mais revoltante, oprimir e roubar o povo produtor. Faz uma história sucinta da miserável situação ditatorial em que se encontram a Espanha e a Itália, para cujos dirigentes vai fôrda a sua repulsa, e declarar: a vingar os maquináculos planos das sinistras hordas da reacção comercial, industrial e financeira, é preferível então todo o operariado dar um tiro na cabeça, se antes não preferir morrer na barricada...

Protesta-se contra a atitude do parlamento.

Joaquim Vicente, depois de combater energeticamente as forças ultramontanas do "ólio vivo", fez uma carta de Adriano Monteiro, na qual explica as razões porque não pode comparecer à reunião. Estando com ele em espírito, manifesta a sua opinião acerca da atitude a tomar perante a ameaça da ditadura dos exploradores do proletariado, protesta contra uma parte dos parlamentares que covardemente defendem as negreigadas "forças vivas" e revoltam-se contra a imprensa mercantilista por se colocar ostensivamente ao lado dos especuladores do povo oprimido. Aceita sem relutância, incondicionalmente, todas as manifestações do proletariado, incluindo mesmo aquelas que assumam um carácter violento contra a alta finança e o comércio ladravos. Subretilho faz acusações a Cunha Leal, esse tipo de ridícula memória, que se vai tornando mais repugnante à medida que a sua provocadora postura contra o proletariado, escarnecendo-lhe a miséria, se vai arrogante evidenciando...

José de Sousa Teixeira afirma estar sozinho a hora da Revolução para a qual é indispensável toda a ação da classe ferroviária, que não deve deixar levar pelas pretensões dos covetos do povo.

Saltinha-se a ação da C. G. T.

Francisco Pinto, Miguel Moura e outros salientam a ação que a C. G. T. está desenvolvendo, verberando os projectos das forças vivas e exortando os ferroviários a que se encorporem nas manifestações que a U. S. O. possa levar a efeito, provando assim a sua repulsa contra a ditadura dos tasqueiros e envenenadores da indústria, do comércio e da agricultura.

João José dos Santos, voltando a usar da palavra, afirma ser um desilusão dos políticos e não confiar em José Domingos Santos, em virtude de ter traído a ação dos ferroviários em 19 de Outubro.

Exteriorizando a sua repulsa pelas imponentes chamadas forças vivas, apresenta a seguinte moção, que também é assinada por António Pinto Fernandes, Maximiano Peres e José Soares de Pinho:

Atendendo ao grave momento que atravessa a classe trabalhadora em presença de um projectado movimento para implantar uma ditadura da alta finança, do alto comércio e da alta indústria; os ferroviários do Minho e Douro reunidos em assembleia magna resolvem:

1.º Acompanhar e dar força ao movimento dos Sindicatos Operários tendente a uma posição formal ao referido e projectado movimento das "forças vivas";

2.º Continuar fazendo a máxima propaganda em todos os locais apropriados para a defesa dos princípios de liberdade, empregando para isso fôrda a sua energia e bondade.

Bernardino António da Silva Pereira apresenta também a seguinte moção:

Propõe-se a organização de grupos de ação com carácter secreto

Considerando que a alta finança, comércio e demais oligarquias suas aliadas continuam a roubar e a envenenar o povo produtor e consumidor;

Considerando que esses componentes do ólio vivo estão presentemente tomando uma atitude de declarada hostilidade, não só contra o operariado e restante população do país, mas também contra o regime;

Considerando que a U. I. E., representante das supraditas camadas exploradoras, coligada com elementos reacionários e alguns políticos de rancorosa peçonha, planeia, por fôrda as artimanhas ao seu alcance, assaltar o poder, para assim armadear-se em ditadura do povo, estrangular a pouca liberdade que a custo conseguiram possuir, sendo-lhe, desse modo, mais facilmente possível tiranizar diretamente o proletariado, a quem essa malta ferozmente odeia;

Considerando, finalmente, que para fôrda esses politrões não conseguem os seus nefastos objectivos estão já o operariado e muitas colectividades populares e liberais do país manifestando publicamente a sua repulsa contra estas afrontas, estando, por isso, a preparar-se para uma tenaz defensiva; os ferroviários do Minho e Douro, reunidos em assembleia magna exclusivamente convocada para apreciar tão momento assunto, resolvem:

CONTRARIO A UNIÃO DOS INTERESSES ECONÓMICOS

CONTRARIO A UNIÃO DOS INTERESSES ECONÓMICOS